

MEMÓRIAS SOBRE A ABERTURA DO CARISMA ESCALABRINIANO



Pe. Giovanni Simonetto

Pe. Giovanni Simonetto nasceu em 1920, em Rosà (Vicenza), Itália. Entrou no Instituto Escalabriniano em 1933, em Bassano Del Grappa. Estudou em outros seminários da Congregação na Itália e se ordenou sacerdote em 1945, dois meses após o fim da Segunda Guerra Mundial. Em 1946, chegou ao Brasil, indo trabalhar inicialmente em Serafina Correa/RS, como coadjutor do Pe. Luís Pedrazzani. Em 1948, foi enviado como pároco a Campos Novos (Santa Catarina). Em 1952, foi nomeado Superior da Província São Pedro (Rio Grande do Sul). Em 1958, foi pároco de Guaporé (RS) por alguns meses, de onde foi destinado a abrir a sede missionária para os imigrantes italianos em Caracas (Venezuela), e uns anos depois foi nomeado Delegado da Direção Geral. De 1970 a 1974 foi Conselheiro Geral, em Roma, e de 1974 a 1980, Superior Geral da Congregação. De 1980 a 1986, trabalhou novamente na sede missionária de Caracas. Em 1986, retorna ao Rio Grande do Sul, e no ano seguinte é nomeado pároco de Serafina Correa, onde permanece até 1995. Logo após, trabalha como coadjutor em Nova Bassano (RS) e, desde 1998 está como coadjutor em Serafina Correa.

O depoimento do Pe. Giovanni Simonetto

Um dos temas que desde o início esteve em pauta para este número da Travessia, foi o da abertura do carisma da Congregação dos Missionários de São Carlos (escalabrinianos). De uma preocupação quase exclusiva pelos imigrantes italianos e seus descendentes, ela voltou-se progressivamente para todas as migrações. Poderíamos ter feito uma pesquisa mais exhaustiva (e talvez fosse o ideal), resgatando a memória ainda viva de várias testemunhas desse processo. Preferimos, no entanto, dentro dos limites do espaço da revista, coletar um depoimento apenas que, mais do que examinar os meandros e detalhes da questão, traçasse um painel amplo sobre a época e os cenários da ação missionária escalabriniana, em que essas questões aflorariam, as colônias italianas da Serra Gaúcha. Queríamos assim também contemplar um capítulo privilegiado da história da Congregação no Brasil, a partir das memórias de um dos seus principais atores.

Com este intuito, viajamos ao Rio Grande do Sul em janeiro de 2005, para entrevistar o Pe. Giovanni Simonetto, “pescar” nas suas memórias os primórdios da redefinição do carisma, os conflitos daquela época, que estiveram na origem daquilo que se tornou hoje a Congregação. O quadro é a paisagem provinciana de Serafina Correa, famosa pelo seu cultivo das origens “italianas” da imigração, pela valorização do dialeto vênето, pelos monumentos aos colonos italianos, suas festas – e que naquele período do ano se encontrava esvaziada, pois muitos dos seus moradores foram às praias, procurando um desafogo ao trabalho realizado durante o ano nas lojas da cidade, nos escritórios e escolas, na fábrica do grupo “Perdigão”. Uma cidade esvaziada também pelo sol causticante que envolve tudo numa aura de torpor, num dos verões mais secos das últimas décadas.

Com o Pe. Giovanni, fui visitar várias das capelas rurais atendidas pela Paróquia. Atravessamos uma paisagem ressequida, em que vastos milharais esperavam ansiosamente o momento da chuva. Havia também muitas terras que não estavam cultivadas, e outras colônias que traziam em sua entrada, uma placa com as cores e o logotipo da “Perdigão”, com os dizeres “Família ... integrado”. Outras propriedades foram transformadas em residências secundárias ou em clubes de campo. Percebi, então, que um outro esvaziamento estava se produzindo, ou uma transformação que deixava para trás um modelo ainda hoje exaltado de família, apoiado no campesinato católico, formado nos valores do trabalho, da fidelidade à comunidade, no cultivo da terra. Unido às famílias que se deslocavam ao centro da cidade, que trabalhavam em escritórios e fábricas, que se deixavam contratar pela “Perdigão” e montar imensos galpões para a criação industrial de aves, ou que se submetiam à indústria do lazer, também se percebiam as comunidades rurais mais e mais esvaziadas. Em cada uma delas, o Pe. Giovanni me indicava uma escola rural (um dos trunfos da época do governador Brizola) desativada, um galpão de festas que se abria poucas vezes ao ano, uma capela em que se rezava missa uma vez por mês, e um cemitério. A escola rural fechada era um sinal claro de um modelo de vida que se extinguia aos poucos, que transportava para outros lugares as suas possibilidades de regeneração.

Foi com esse pano de fundo que me apresentei para conversar com o Pe. Giovanni. Ele já havia escrito várias páginas, respondendo com extrema lucidez e clareza às perguntas que por antecipação ele me havia pedido. É esse trabalho escrito que faz a espinha dorsal deste artigo. No entanto, não dispensei a oportunidade de entrevistá-lo, no que ele colaborou com grande generosidade. Encontrei um homem atento, cujo esforço em fazer reavivar sua memória apenas se igualava àquele de ponderar o que teria sido o teor dos conflitos da época. Na verdade, para além dos fatos narrados, das questões fortes daquele período, da tentativa de relacionar os vários elementos lembrados para construir uma explicação geral, o que se buscava era embrenhar-se na névoa espessa de um tempo cujas referências não existiam mais. Como subir na montaria de um cavalo que aquele homem usava para percorrer as colônias, onde se falava apenas o dialeto, longe de qualquer forma de comunicação a distância, rádio ou telefone? Como entrar na disciplina de um seminário, em que inexistia algo hoje tão banal como a televisão? Como se introduzir num mundo, de homens vestidos de preto, cuja única lei válida que servia de orientação eram as “constituições”, regras sagradas, incólumes a qualquer forma de debate? Além de algumas fotos antigas, das pedras gastas ou de alguns rostos envelhecidos, pouco restou que pudesse servir de referência ao seu esforço de rememoração. Pe. Giovanni esfregava a cabeça, por vezes se exaltava, tentava explicar os seus impasses, justificar o fato de estar longe de algumas questões, seus erros de apreciação ou suas atitudes impensadas. Meu gravador foi pobre testemunha dessa brava tentativa de resgatar as memórias que o poço do esquecimento ainda não havia tragado. Este artigo, ao expor esse depoimento, oferece os frutos desse esforço de recuperação do passado da Congregação no Brasil.

Pe. Sidnei M. Dornelas

O CARISMA DA CONGREGAÇÃO NOS ANOS 30

O primeiro a quem ouvi falar do carisma da Congregação Escalabriniana, de sua finalidade específica, nos anos 1933-37, foi o reitor do Colégio Scalabrini, Pe. Ângelo Corso: homem de fé, de grande zelo apostólico, que nos falava do Fundador, Mons. Scalabrini, de seus missionários e dos emigrantes italianos espalhados no mundo. Ele nos animava a perseverar na vocação para sermos, um dia, nós também missionários para esses migrantes. Mas quem nos empolgava mais com sua "imponente" presença física e com sua palavra ardente era o grande benemérito da Congregação, Pe. Francesco Tirondola. Era um fenômeno, atraía, entusiasmava. Ele nos informava de tudo: acerca do desenvolvimento da Congregação, das novas obras, novas missões, novos seminários nas várias partes do mundo. Chegavam também cartas de missionários escalabrinianos que trabalhavam nos E.U.A. e no Brasil, nas quais nos falavam de seu apostolado... de suas peripécias... de seus milagres... entre os emigrados italianos. E muitas vezes chegavam também os próprios missionários, que voltavam para a Itália por um período de férias e nos entusiasmavam. Tudo isso, de fato, contribuía para fortalecer-nos em nossa vocação, e só desejávamos que transcorressem depressa os anos da formação para, como missionários, correr também para levar aos emigrados italianos, onde estivessem, o "conforto da fé e o sorriso da pátria!". Esse lema foi inventado por outro benemérito missionário escalabriniano, o Pe. Francesco Prevedello. "O conforto da fé", e isso se compreende: era tarefa de todo missionário; mas... e "o sorriso da pátria"? De qual pátria? Itália. Nunca nos veio duvidar durante o período de nossa formação. Formaram-nos de acordo com as "constituições" então vigentes, tanto durante o Noviciado como durante os anos de Filosofia e Teologia, até o sacerdócio. Os meus colegas e eu, em 1946, éramos sacerdotes há um ano e prontos para ser enviados como missionários, e, mesmo ainda naquele ano, o Cardeal Rossi, Secretário da Congregação Consistorial e Superior Geral da Congregação Escalabriniana, escrevia que a finalidade exclusiva do Instituto Escalabriniano era o atendimento dos italianos emigrados para as diversas regiões do mundo. Naqueles anos a nossa Congregação estava composta quase completamente por membros nascidos e criados na Itália. Por isso, não existia ou não se sentia o problema da finalidade. Era normal que os nossos destinatários

fossem os migrantes italianos. O questionamento nasceu quando a Congregação abriu seminários fora da Itália (e foi um bem, foi a salvação da Congregação). No Brasil, inaugurou-se o primeiro seminário escalabriniano em março de 1939, em Guaporé/RS e depois nos E.U.A. e na Argentina; o primeiro noviciado em Nova Bassano/RS em 1946; em 1954, o seminário filosófico em São Paulo, depois o seminário São Rafael em Casca/RS.

A TRANSMISSÃO DO CARISMA NOS SEMINÁRIOS FORA DA ITÁLIA

Eu não me dei grande conta desde o início do mal-estar que surgiu, especialmente no Seminário de Guaporé, por causa do "carisma", porque logo que cheguei no Rio Grande do Sul em 1946, me mandaram trabalhar em Serafina Correa, cujo pároco estava doente e quase cego, só sofria e rezava, e por isso tive que assumir a paróquia como se estivesse sozinho, não me sobrando tempo para muitos contatos com o Seminário; e porque um ano e meio depois fui nomeado pároco de Campos Novos (SC) em 1948, e isso me afastou mais ainda do Seminário. Soube, então, que a paróquia fora assumida pela Província Escalabriniana do Rio Grande do Sul para dar aos nossos padres brasileiros a ocasião de se sentir missionários, saindo do próprio Estado e de atender aos gaúchos como eles, os quais emigravam para fora do Rio Grande do Sul à procura de novas terras.

Em 1952 fui nomeado Superior Provincial; talvez tenha sido escolhido porque durante os anos de meu trabalho em Serafina Correa e em Santa Catarina tinha ficado fora do conflito de idéias que surgira entre formandos e formadores no Seminário de Guaporé, mesmo por causa do carisma, da finalidade específica da Congregação. Ao assumir a direção da Província me dei logo conta da situação conflitante: foram anos que tiveram momentos difíceis. Os jovens seminaristas, mais ou menos abertamente, resistiam a uma formação missionária endereçada a preparar candidatos para a assistência religiosa dos imigrantes italianos, começando a questionar o sentimento de pertença a um instituto cuja finalidade era restrita aos emigrantes italianos. Alguns reagiram até demonstrando forte antipatia para tudo aquilo que se referia à nação italiana. De outro lado, havia no Seminário algum padre italiano que às vezes, por palavras ou em tom de brincadeira, feria a sensibilidade nacionalista dos jovens estudantes, ou outro que pecava por fanatismo, e isso



Sentados: Da esquerda para a direita: Pes. Ernesto Aliti, Emílio Delmi, Giovanni Simonetto, Guerino Zago, Luigi Zandonai e Angelo Tedesco. Em pé: Da esquerda para a direita: Os noviços do ano 1956, Ernesto Fanni, Nelsso Gallon, Aroldo Tedesco, Armando De Costa, José Della Gasperina, Valter Peccin e Arlindo Pedrini.

A CAMPANHA DE NACIONALIZAÇÃO DO PERÍODO VARGAS

“Para o seminário fez um bem, no sentido que, essa juventude entrou no seminário e falava só o dialeto vêneto, o Laurindo (D. Laurindo Guizzardi, atual bispo de Foz do Iguaçu)... me parece que ele aprendeu o português aqui no seminário em Guaporé, isto é, foi uma obrigação que levou esta gente a aprender o português, foi uma coisa boa. Houve, porém, como em todas as nações novas, jovens, houve um certo espírito que exorbitou dos limites de uma nacionalidade normal: sou italiano, sou português, sou brasileiro, sou isso ou aquilo, cada qual tem a sua, ou seja, ‘o Brasil tem a ferrovia maior do mundo, o lago maior do mundo, o palácio maior do mundo, o futebol maior do mundo... Qualquer mínima coisa era exaltada, ou se se fazia uma pequena observação contrária, era uma ofensa grave ou uma falta de compreensão. Por exemplo, tem um nosso padre, que foi um ótimo padre, que queria bem a os brasileiros e os brasileiros lhe querem muito bem, morreu, mas ainda o recordam com saudade, padre Mario Bianchi. Ele brincava, só para dizer, sobre a bandeira brasileira, qualquer bandeira representa a nação, a bandeira do Brasil representa o Brasil, e eles brincavam, achavam aquela bandeira... comparavam a um campo verde, no meio havia uma mancha amarela, de maneira que feria um pouco a sensibilidade destes jovens. E entre eles, os padres italianos, não que exaltassem, mas sabe... é Roma, é questo, é a obra de arte, sabe como é, um pouco talvez maneira de falar. Ao invés de atrair a juventude, a curiosidade, provocavam a rejeição.”

“Tinham que falar português de um dia para outro, e não sabiam falar, como se chama isto aqui em português, iam nos botequins e faziam assim (Pe. Giovanni faz o gesto de apontar com o dedo)... ou porque na porta ou na janela, possivelmente havia polícia que estava escutando que língua falavam, compreende isto? Vinham se confessar, olhavam para lá e para cá primeiro, e depois dizia, padre posso falar italiano? A obsessão desta coisa... em casa falavam, porque sempre falaram. Afinal era necessário. Getúlio Vargas, queiram ou não queiram, movimentou o país, o fez crescer também. Existem tantas coisas ainda que foi ele que fez, mas esta coisinha sim, cresceu... também cresceram os benefícios dos brasileiros, a lei para benefício, para que houvesse a entrada dos beneficíos. Então os próprios italianos, de origem que vinham, ainda vivos, mas sobretudo os filhos nascidos aqui, que já começavam a ser eles os pais e os avós, já que os avós tinham morrido aqui, vindo de lá, e diziam: ‘veja nós vamos aproveitar, somos brasileiros, somos obrigados a pagar os impostos mas temos direito também a receber a recompensa, o retorno’. Então viam que na cidadania brasileira, e o ser brasileiro havia vantagens, também econômica e também de proteção da parte da lei, então isso servia também um pouco para afastar daquela mentalidade sono italiano, porque... sou italiano, não te se italiano, te se brasileiro. Teus avós vieram de lá, bisavós vieram de lá, mas naquela hora então... se afastavam, afastando-se por interesse também imediato, econômico, legais, etc. Eles sentiam menos esta tendência, esta pertença às raízes, então os próprios filhos que entravam no seminário, tinham diminuído muito este sentimento: “eu sou de origem italiana”, até escondiam-se, porque naquela parte, era o Brasil... O italiano que veio para cá era considerado o homem do saco no ombro etc... Hoje, estão vendo o benefício que fizeram, a cultura que trouxeram, o amor à família, o amor à fé, o amor ao trabalho, são todos valores que são recuperados e vai às raízes. Não é mais, entre parênteses, ‘uma desonra ser filho de imigrantes’, é uma honra, estão procurando a cidadania italiana agora. Agora são da terceira ou quarta geração, mas é quase natural que os da primeira e segunda geração terem uma certa rejeição da migração, porque lembrava, ou lembra a eles a situação de necessidade dos pais que vieram, isto é, como pobres.”

agravava a situação. Os educadores pediam orientações. As direções provinciais não dispunham naquele tempo senão das “constituições”, que diziam claramente que a finalidade exclusiva era o atendimento aos emigrados italianos. Portanto, a resposta documentada que podia dar aos educadores era só: “temos as constituições, sigam as constituições, até ordem contrária”.

Riolando Azzi, no seu livro “A Igreja e os Migrantes (1951-1988)”, diz de mim que, “fiel ao projeto de uma finalidade exclusivamente italiana para o instituto, a posição por ele assumida era absolutamente coerente” (p. 84). Eu era italiano, mas não era fanático, e compreendia bem que não se podia impor aos nossos seminaristas, os sentimentos e idéias não aceitáveis na realidade e sentia a necessidade de que algo mudasse nas “constituições”. Tanto é verdade que em 10 de agosto de 1956 escrevi ao Superior Geral (Pe. Francesco Prevedello) uma carta em que dizia que a maioria dos nossos assistidos (no Rio Grande do Sul) não correspondia mais à finalidade de nossa Congregação e que os nossos seminaristas já não podiam se considerar filhos de italianos, e muito menos se podia exigir deles que tivessem o nosso espírito e que se entusiasmassem por nossa finalidade específica. Não deixa de ser significativo que durante o Capítulo Geral realizado em 1951, essa questão tenha sido suscitada exatamente pelo Pe. Prevedello, o qual atuara no Rio Grande do Sul como reitor do Seminário de Guaporé e desde 1950 como Superior Geral.

Apesar do desejo de maior abertura, manifestado por diversos religiosos nos Capítulos Gerais de 1951 e 1957, foi mantida a exclusividade da pastoral escalabriniana aos emigrantes italianos, embora com a “aggiunta”: “...e seus descendentes...” Graças a Deus, nos anos 1969 a 1971, no Capítulo Geral Especial, a Congregação finalmente se atualizou, abrindo-se a todas as migrações, dando preferência àqueles migrantes que sofrem mais por causa da emigração (Cap. VI do Preâmbulo).

O TRABALHO PASTORAL DOS MISSIONÁRIOS NOS ANOS 1940/50

Meu conhecimento direto do trabalho que faziam os nossos missionários nas Américas nos anos 1940 e 50, certamente no Rio Grande do Sul, começa em 1946, quando cheguei da Itália, um ano depois de minha ordenação sacerdotal. O trabalho pastoral era quase unicamente impostado nos modelos tradicionais das

paróquias da Itália: catequese em preparação dos sacramentos na igreja matriz; promoção da Ação Católica para a juventude, especialmente masculina; Associação Filhas de Maria para a juventude feminina; festas patronais com arrecadação, benção das casas, novenas, procissões, etc. Alguns missionários organizavam creches, escolas, cooperativas agrícolas e até pequenos hospitais. Isso especialmente nas paróquias rurais, onde o pároco, chamado vigário, era o “ponto de referência” em todos os setores da atividade humana e em todas as ocorrências da vida do dia-a-dia. Ele visitava periodicamente as comunidades distantes da igreja matriz, confessava, celebrava missas, visitava famílias. O meio de locomoção era o cavalo. Em quase todas as paróquias, nas regiões de imigração italiana ou de descendentes de emigrados italianos, a língua falada pelo povo era o dialeto vênето, e a dos padres nas funções religiosas e na pregação era a língua italiana. Durante a Segunda Guerra Mundial, quando o Brasil se iniciava no processo de busca de identidade nacional, se proibia falar qualquer outro idioma a não ser o português, o “brasileiro”. Todavia, mais ou menos clandestinamente, se continuou falando como antes. Eu mesmo, em 1946-48, falava em dialeto com o povo, dentro e fora da igreja, embora me tivesse empenhado seriamente em aprender a língua do país.

A DISCUSSÃO SOBRE A ABERTURA E AMPLIAÇÃO DO CARISMA

No Rio Grande do Sul, e também em São Paulo, houve na verdade um longo período de estagnação no modelo paroquial, pastoral, territorial, que vinha se tornando pouco ou nada específico para os jovens que nos seminários escalabrinianos se estavam formando missionários para os migrantes. Os próprios descendentes de italianos, embora preocupados com o atendimento religioso de suas famílias, estavam cada vez mais interessados em incorporar-se na sociedade brasileira a fim de participar dos benefícios da cidadania brasileira. É dentro desse contexto que se situa a crise de identidade no Brasil, a começar do Rio Grande do Sul.

A crise surgiu e cresceu à medida em que os novos escalabrinianos já não se identificavam com uma visão do ideal de Scalabrini direcionado unicamente ao atendimento aos imigrantes italianos. A superação da crise, que produziu incertezas e angústias em muita gente, se dará no reencontro com o ideal de Scalabrini, transposto para os dias de hoje, ao se defrontar com os

novos migrantes. Em 1948, a “aggiunta” feita às “constituições” da cláusula do cuidado pastoral dos descendentes dos italianos favoreceu o “status quo”. A reação partiu mesmo do Rio Grande do Sul, com os estudantes do Seminário de Guaporé e, mais tarde, com os alunos do Seminário Maior de São Paulo. Mas, foi a partir do Capítulo Geral de 1963 que foram dados os primeiros passos para uma maior abertura do instituto; e foi com o Capítulo Geral Especial de 1969-71 que a Congregação verdadeiramente se abriu.

Os nossos formandos, quanto mais longe da primeira geração de emigrados, tanto mais se sentiam brasileiros, norte-americanos (e a pleno direito), e não se sentiam missionários italianos para os migrantes italianos. Eu mesmo já havia dito ao Superior Geral que a presença de nossos padres teria sido mais útil e justificada em outras regiões ou nações de imigração italiana recente, do que no Rio Grande do Sul, e que de forma alguma não se podia exigir de nossos jovens estudantes brasileiros os mesmos nossos sentimentos. Era evidente que da abertura da finalidade, dependiam o amor e o entusiasmo dos aspirantes a missionários e de sua perseverança na vocação. Acontecia naquele tempo que

UM TEMPO SEM DEBATES

“Sabe uma coisa que faltou: não houve debate, não houve reunião especial de província, ao menos eu não lembro que houvesse... Era tudo concentrado, e o problema era uma pessoa de fato ou outra, o resto vivia tranquilo, sem preocupação. Se tivéssemos tido mais comunicação, isto é, hoje a comunicação é um meio mesmo para tanta coisa que faz bem, mas naquele tempo... comunicação... qual era a comunicação? O que tínhamos nós? Um telefone, que funcionava mal, só rádio, que mal e mal escutávamos, só uma estação, a de Porto Alegre, compreende como é? Hoje a coisa é bem diferente, depois também a abertura em geral, de uns cinquenta anos para cá, deu saltos mortais de progresso e de tudo, e de abertura. Eu me admiro até, eu penso: os estudantes de hoje, e os padres de hoje, que não têm cinquenta, setenta anos, que dirão, vão rir ao ver aquelas questões daquele tempo, mas era fruto do ambiente e do clima daquele tempo. É de respeitar-se e não de condenar, sim é fácil condenar, mas naquele tempo era outra situação, compreendeu como é? Era outra coisa... hoje diriam, como é estúpido aquele padre lá, e que estúpido aquele estudante lá... não, não se faz assim... Não havia debates, não havia reuniões, e no fim do ano havia apenas uma para a transferência do padre e para a relação da administração, quanto dinheiro tem na caixa... era assim. O provincial que se encontrava com os conselheiros e depois o padre, o provincial que dava a volta e se encontrava com os párocos e com o reitor do seminário.”

a parte da Congregação que estava bem em outras regiões e nações ou continentes, ocupada exatamente com italianos de migração recente não podia entender (e aceitar pacificamente) o que estava se passando no Rio Grande do Sul; assim se passava também com alguns religiosos que trabalhavam nos seminários de Guaporé. Qual o único argumento deles e, queira ou não queira, também dos responsáveis da formação (superiores e formadores)? As “constituições”! E as “constituições”, o único ponto de referência para não errar na direção e formação, por incrível que pareça, se tornaram o “pomo da discórdia”. Para uns as “constituições” eram a salvaguarda da finalidade, do carisma escalabriniano, a expressão da vontade de Deus, e a fidelidade às “constituições” era compromisso assumido com a profissão religiosa. Para outros, a rígida interpretação das “constituições”, a aversão à abertura da finalidade, parecia nacionalismo fanático, prejudicial à vida e ao crescimento e desenvolvimento da Congregação. Estou convencido que as duas correntes amavam sinceramente a Congregação, mas o conflito era inevitável e as reações compreensíveis, porém, dentro dos limites, a fim de não comprometer a convivência fraterna e o apostolado. Neste clima bastante tenso, vivi eu e trabalhei alguns anos como Superior Provincial do Rio Grande do Sul.

A EXPERIÊNCIA PESSOAL DESTES TEMPO DE MUDANÇA

Deveria ser elemento de equilíbrio, mas não sei se o consegui, sem trair as “constituições” (único meu apoio) e sem trair a confiança de todos os meus co-irmãos. Tudo foi andando mais ou menos, na esperança de tempos melhores, até que um fato novo veio criar particular tensão e nervosismo: a nomeação do reitor do Seminário São Rafael, em Casca, em substituição do Pe. Remígio Dalla Vecchia, falecido repentinamente em agosto de 1957, durante o Capítulo Geral, do qual participei como Superior Provincial do Rio Grande do Sul. Comecei a pensar em quem podia melhor assumir o ofício de reitor. A decisão dependia de mim e de meus conselheiros. Era uma decisão muito delicada, devido àquele clima de tensão em que vivia na Província pela finalidade específica, questão não resolvida no Capítulo de 57. Falando sobre o caso do reitor com o Superior Geral, Pe. Rafael Larcher, ele me sugeriu um nome. Tratava-se de um padre brasileiro, que eu conheci quando ele era estudante e que eu estimava muito; mas eu me reservei o direito de pensar mais e tratar o caso com os meus

conselheiros, como de fato fiz ao voltar de Roma. Numa reunião do Conselho, o argumento principal foi a nomeação do reitor de Casca, e apresentei primeiro o nome sugerido pelo Superior Geral. Ponderamos serenamente a sugestão: todos achamos ótima a pessoa, mas chegamos à conclusão de que pelo momento não era oportuno nomeá-lo reitor, e era melhor que por um tempo ele fosse só professor no seminário. Escrevi ao Superior Geral expondo-lhe os motivos pela não nomeação do padre por ele sugerido. Pe. Larcher me respondeu dizendo que não aceitava a minha carta porque não estava assinada pelos meus conselheiros. Reuni o Conselho, re-escrevi a carta, que todos os conselheiros leram e assinaram, e imediatamente a enviei a Roma. Alguns dias depois, como resposta me chegou o telegrama do Superior Geral com estas únicas palavras: “reitor Seminário São Rafael é...” e seguia o nome que ele queria. Pe. Redovino Rizzardo, escrevendo a Riolando Azzi, dizia a respeito desse telegrama: “O fato foi visto como uma afronta pelo Superior Provincial, Pe Giovanni Simonetto, que se demitiu do cargo no início de 1958...”

O “fato” era, ao invés, uma clara demonstração de desconfiança na Direção Provincial e uma clara imposição da Direção Geral, que eu não aceitei. Fiquei refletindo uns quinze dias e concluí que o lógico era eu me demitir e, de fato, aos 24 de janeiro de 1958, enviei por telegrama ao Superior Geral as demissões de Superior Provincial. Não tive resposta. O Geral escreveu ao Pe. Ângelo Corso nomeando-o Provincial em meu lugar. Aconteceu que naqueles dias, havia no Seminário de Guaporé a vestição dos noviços, etc... O Pe. Ângelo Corso, que era pároco de Guaporé e novo Provincial – mas a notícia ainda não tinha sido divulgada – me telefonou dizendo que eu fizesse a vestição. Respondi que se ele não assumisse, não haveria vestição... Então ele assumiu. Enquanto ele se preparava na sacristia para a cerimônia, eu me apresentei na capela diante da comunidade (havia muitos padres da Província e familiares de noviços) e anunciei: “por motivos meus, pessoais, renunciei ao cargo de Superior Provincial, a Direção Geral aceitou e nomeou o Pe. Ângelo Corso em meu lugar. Prestemos nossa obediência ao novo Superior e rezemos por ele”. A surpresa foi grande e eu me senti aliviado.

Fiquei no Seminário esperando nova destinação. Passaram-se quase duas semanas. De repente, chegou de Roma, no Seminário de Guaporé, o Ecônomo Geral, Pe. Ugo Cavicchi, enviado pela Direção Geral. Foi um

encontro pouco diplomático. Eu estava na biblioteca, ele entrou e começou assim: “Que é que tu queres?” Respondi: “trabalhar”. Ofereceu-me a paróquia de Guaporé. Eu estava um pouco abalado fisicamente, mas aceitei e me dediquei completamente ao trabalho paroquial, e me senti feliz, amado pelo povo e em paz com Deus e com todo mundo, em paz também com todos meus superiores e co-irmãos.

Na metade do ano (1958), chegou uma carta do Superior Geral ao Superior Provincial em que comunicava a notícia de que a Santa Sé pedia à Congregação Escalabriniana para enviar um missionário a Caracas (Venezuela) para atender aos emigrados italianos, que estavam religiosamente abandonados e eram mais de duzentos mil, só na capital. A grande novidade era que a Província São Pedro, do Rio Grande do Sul, tinha sido escolhida pela Direção Geral para assumir essa missão. Mais: o Superior Geral dava aos padres do Rio Grande do Sul a oportunidade de se candidatar; porém, quem se oferecesse, devia fazer o pedido por escrito. Nove padres se ofereceram. Eu não. O Pe. Antônio Marcon, pároco de Putinga e meu grande amigo, veio com o pedido nas mãos, consultar-me: “Entrego ou não entrego?”, me pedia, e eu respondi que o entregasse se queria, mas achou melhor fazer como eu, e o pedido terminou no cesto. Uns dias depois, o Provincial Pe. Corso, quis saber porque eu não tinha feito o pedido. Admirei-me e respondi que era pároco há só uns meses e me encontrava bem. Por que devia mudar? Que teriam pensado o Arcebispo de Porto Alegre e o povo de Guaporé? Que crime cometeu esse padre para ter que ir-se já? Mas, o Provincial insistiu. Então, comecei a pensar que ele falasse assim pressionado pelo Superior Geral, o qual, numa carta que lhe escrevera, dissera que me recomendasse “de me portar bem”. Temia que me revoltasse ou que sublevasse os outros? Ou pensava que fosse bom que me afastasse do ambiente da Província? Disse eu ao Pe. Corso que se esse era o pensamento da Direção Geral, se mo dissesse claramente, e eu teria respondido só com uma palavra: “obedeço!” Duas semanas depois, o tempo necessário para o Provincial referir as minhas palavras ao Geral, recebi a carta do Pe. Larcher. Era a primeira vez que me escrevia desde o meu telegrama com as demissões. Era uma carta com elogios, na qual me dizia: “te escolhemos para iniciar a missão em Caracas”. Respondi aceitando e, já que se me dava a possibilidade de escolher um co-irmão, que mais tarde me alcançasse na Venezuela, escolhi o Pe. Antonio Marcon, que aceitou. Brincadeiras da Providência!...

Enfim, como vivi esse processo de mudança? Acho que posso afirmar que não caí na dificuldade de muitos outros, em se adaptar psicologicamente à extensão da finalidade e de se encaminhar concretamente para a nova meta, porque trabalhamos toda uma vida por uma determinada nacionalidade de migrantes e não se conformavam em abandonar posições fadigosamente adquiridas, nem menos ainda, a certa idade, em adquirir uma afinidade mesmo só lingüística. A tudo isso, se acrescenta o fato de que nos anos 1960-70, eu trabalhei na Venezuela, fora da tensão que existia no ambiente escalabriniano do Rio Grande do Sul, e onde problemas a respeito do carisma não existiam porque os destinatários da minha missão eram 250 mil emigrados italianos da primeira geração. Até aproveitei, sempre que me foi pedido, prestar assistência também aos emigrados portugueses, que eram numerosos, e ajudei os capelães de diversas migrações a conseguirem todas as faculdades previstas na concessão da "Missio cum cura animarum".

Mais: posso acrescentar que naqueles dez ou doze anos, tive a satisfação de receber na Venezuela irmãos brasileiros que trabalharam em plena harmonia conosco, missionários italianos, e que levaram adiante com responsabilidade e entusiasmo as atividades religiosas e sociais da chamada "Missão Católica Italiana". Quero lembrar os primeiros dois, provenientes da Província gaúcha, e que ainda lá trabalham com os emigrados italianos, os padres Zelindo Ballen e Miguel Pan.

O QUE TODO ESSE PROCESSO NOS DEIXOU

Esse processo de ampliação da originária finalidade específica da Congregação foi longo e sob certos aspectos doloroso para as partes envolvidas. De fato, não faltaram dificuldades ao enfrentar novas culturas; nem faltaram os inevitáveis "encontros-choques" na aceitação das diversidades como fatores de enriquecimento mútuo. Mas valeu a pena! Com a introdução de uma nova linfa no seu tecido vital, a Congregação começou a viver uma nova estação, uma nova primavera. Essa verdadeiramente se atuou quando – como alguém escreveu – as velhas fontes italianas foram alcançadas por novas correntes de água vindas do Brasil, da Argentina, do México, de Portugal, das Filipinas, do Norte e do Centro América. Sim, foi a

O MAL-ESTAR EM TORNO DA FINALIDADE

"Quando se começou a falar de abrir a finalidade para todos, assim serve para mim italiano, para brasileiro, para o alemão, sendo que todos podemos dizer: eu sou um missionário para os migrantes, faço tanto para o italiano como para o alemão, ou se quero e prefiro vou com os alemães, se sou alemão me encontro melhor lá, etc. Quando se tratou assim, muitos disseram... uns padres eu conheci, vi padre chorar, padre de certa idade que me disse assim: '...padre, eu fui educado para a imigração e para a migração italiana, para os migrantes italianos. Todos os estudos que fiz, os votos que fiz, eu fiz os votos segundo as constituições que diziam: missionários para os imigrantes italianos, agora como é esta história, como é que faço?' Primeiro, se encontraram mal aqueles que de fato não tinham mais destinatários que correspondiam, mesmo ao que era o sonho deles italianos, etc. Aqui aconteceu no Brasil, que os próprios descendentes de italianos a pouco e pouco foram se afastando dessa idéia: 'Somos filhos de imigrantes... nós somos brasileiros...' e com todo direito, e mais, os próprios pais deles, não digo a juventude, os estudantes, porque o estudante é um pouco mais, é gente mais do que os pais... mas os pais, os próprios pais dessa gente dizem: sim, é verdade, somos filhos de italianos, descendentes de italianos, mas eu estou aqui no Brasil, meus filhos nasceram aqui e eu também nasci aqui, suponhamos, eu agora faço parte dessa sociedade, e se quero fazer parte dela tenho que abraçar esta sociedade, tenho que aceitar entrar e sentir-me parte desta sociedade para ter também as garantias.'

'No seminário, encontrei eu alguns padres, e nem são daqui da nossa província, eram mais em Norte América, lá tinha bastante que falavam a nossa língua e diziam: '... mas como posso, eu que fiz os votos para os italianos, os migrantes italianos, eu não posso trair os meus votos, a minha vocação...' São formados na Itália, que foram aos Estados Unidos. Aqui não, os padres continuaram, porque entre os padres das paróquias não houve problemas... mais era entre os padres do seminário, entre formadores e formandos. E não é que fosse uma coisa especial, houve um pouco de excesso da parte dos padres italianos formados e por parte dos clérigos, houve sabe... brincadeira de mau gosto, ofendendo a sensibilidade brasileira ou ofendendo italiano, etc. Houve, e alguns daqueles padres que estavam no seminário naquele tempo saíram da congregação também, eram italianos, saíram e voltaram para a Itália. Mas também alguns daqueles, naquele tempo, o que eu iria fazer? Tu sabes que eu era o responsável, vinham bater na minha porta, diziam: 'Padre o que vamos fazer? Trocar as constituições?' Ma, digo, 'a única coisa que nós temos de direito, como lei, como base, é a constituição. Até que as coisas não mudem, não devem falar... não devemos apresentar a formandos outra constituição diferente das que são as constituições atuais, vigentes da congregação. Tanto mais que tínhamos, como digo, a Santa Sé que continuava a dizer, 'é esta a finalidade de vocês', compreende!? Mas eu dizia, a congregação não dispõe de outra coisa. Se precisa, ser menos exigente, fechar um olho..."

internacionalização da finalidade da Congregação o fruto desse processo, mas quem na verdade, providencialmente o provocou, foram os jovens estudantes do Seminário de Guaporé e de São Paulo. A Província do Sul deu o primeiro passo abrindo uma frente no Estado de Santa Catarina para os migrantes internos, na maioria gaúchos. A Província de São Paulo fez o segundo passo começando a atuar nas periferias da grande metrópole, também com migrantes internos, na maioria nordestinos. Foi uma graça que o Bem-Aventurado Fundador Scalabrini obteve de Deus para a sobrevivência e prosperidade de sua Congregação. E foi também o "grito dos pobres migrantes" apresentando à Congregação o desafio da passagem de missionários "eiusdem sermonis et nationis" (da mesma língua e nação) ao perfil de missionários "Ecclesiae universalis" (da Igreja universal). À conclusão do Capítulo Geral de 1974, eu lembrava aos capitulares: "A nota qualificante de nossa renovação deve ser a escolha preferencial para os migrantes que mais agudamente vivem o drama da migração (Preâmbulo n. VI), ou seja, para os migrantes mais necessitados e para aqueles que oferecem ocasiões mais favoráveis à dilatação do Reino de Deus (Constituições, n. 12)". Talvez seja preciso caminhar mais neste sentido; porém, hoje acho que não há escalabriniano que não se sinta empolgado diante de uma finalidade específica tão atual, tão "provocante" e "questionante". A Congregação chegou, finalmente, e encontrou esse ideal maravilhoso ao qual, direta ou indiretamente, todos esperávamos. E eu hoje felicito a todos os nossos jovens aspirantes missionários, que o sentem claro e vibrante no coração, e gostaria, porém, que soubessem ou lembrassem quanto custou para que o apreciassem ainda mais e o mantivessem vivo como uma chama olímpica, ou o levassem como uma bandeira a honrar e defender.

"A MIGRAÇÃO ALARGA O CONCEITO DE PÁTRIA PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS GEOGRÁFICAS E POLÍTICAS, FAZENDO DO MUNDO A PÁTRIA DO HOMEM".

(J. B. Scalabrini)

ABERTURA DO CIBAI EM PORTO ALEGRE*

"Eu que tratei de ver, de poder abrir de outra maneira, me aconteceu assim, não sei se contei? Foi assim: eu era provincial, me parece que foi em 1954, trata-se de cinquenta e um anos atrás, bem, veio o jornal do dia, me parece que o título era: 'O Jornal do Dia', era em prática o jornal da diocese, da arquidiocese de Porto Alegre. Leio, encontro escrito lá: 'Ontem o sr. Arcebispo reuniu a comissão que trata sobre os assuntos de migração aqui no Rio Grande, etc...'. Eu fiquei um pouquinho, sinceramente, amargado, digo: o arcebispo deve saber que nós somos uma congregação de migrantes. Porém, o que fiz? Tomei o carro e fui a Porto Alegre falar diretamente com o arcebispo. Me apresentei, quando o bispo me recebeu, olha que era tremendo no começo, depois se tornou um ótimo bispo, merecedor do reconhecimento de todo o Rio Grande, mas no começo era tremendo, era um alemão tremendo... sério... como quem diz, veio aqui fazer o quê? Me fazer perder tempo!... 'O que que o senhor quer?' Digo: - Li ontem no jornal e sei que Vossa Excelência formou, constituiu uma comissão para a imigração aqui no Rio Grande. Quando eu disse assim, ele ficou... se notava a expressão que era como dizer, *adesso* me toca brigar... 'Dado que nós somos uma congregação para as migrações eu vim para oferecer a nossa colaboração'. Me parecia justo... mas ele seco: '... de que maneira?' E eu, me veio na mente uma coisa, foi o Espírito que... 'Dando-lhe um padre!'. Eu sabia que ele precisava de um padre. Olha, quando eu disse assim, foi como um temporal quando quebra todas as nuvens e sai o sol e começou a falar feliz, 'É mesmo, tá, tá...', aí perguntou '... e quando o padre...?' Eu disse: quando o senhor quiser. Ele disse: '...quanto antes...'. Eu não sabia quem mandar, não tinha nenhum padre na cabeça, estavam todos ocupados. Saí de lá pensando:... O que faço agora? Corri, fui a Putinga, que era uma paróquia de Encantado, fui falar com o padre Paulo Bortolazzo. O Paulo era pároco há pouco tempo, há uns dois anos era pároco lá, tinha feito a canônica nova, tinha inaugurado, ou estava para inaugurar a canônica nova. Eu disse: 'Paulo, ajuda-me por favor!' e expliquei: 'Paulo, se não entramos hoje, não entramos mais'. Recordo que nós estamos aí em Vila Nova desde 1938/39, mas naquele tempo Vila Nova ficava fora da cidade. 'Nós não temos aqui na cidade, nenhum centro, não temos nada, se não aproveitamos agora, perdemos a ocasião...' Bem, aceitou. Ele se pôs à disposição e atendia as pessoas, etc. Ele ficou na paróquia São Pedro, por ser mais no centro, e lá também foi ajudado, encontrou um senhor muito bom que o ajudou também, e pouco a pouco fomos... 'temos que aproveitar também para dar uma sede aos padres que vão trabalhar na migração'. E se apresentou um terreno. Eram dois lotes pequenos, então compramos, e tem a minha assinatura na escritura, e depois, mais tarde, eles compraram outro. E aí, se eu não tivesse feito aquilo, a imigração para nós era... Como está agora, verdadeiramente, é um despertador a nossa presença lá, na igreja do Rio Grande."

* (Nota do editor): Em 1957 foi criado o CIBAI-Centro Ítalo-Brasileiro de Assistência aos Imigrantes, inicialmente voltado aos italianos, a partir de 1980 às demais coletividades, especialmente hispano-americanas.